

Sobre a (in)certeza sensível em Hegel

Ana Paula Repolês Torres¹

RESUMO: Pretendemos demonstrar, através da análise da experiência da “certeza sensível”, primeiro Capítulo da Fenomenologia do Espírito, a crítica que Hegel realiza a toda imediatez, o que nos leva a ressaltar a relevância da negatividade, do ser-outro, em seu pensamento. Buscamos também compreender, resgatando o legado platônico de Hegel, o que seja a unidade dialética, isto é, a identidade da identidade e da diferença.

Palavras-chave: Negação, Mediação, Identidade, Diferença, Dialética.

ABSTRACT: Based upon the experience of “sensible certitude” in the first chapter of the Phenomenology of Spirit, we aim to demonstrate the critique of all kind of immediateness in Hegel’s thought, what permit us to focus the relevance of negativity in his work. We also intend to understand what means the dialectical unity, that is, the identity of identity and difference, showing the platonic heritage of Hegel.

Keywords: Negativity, Mediation, Identity, Difference, Dialectic.

Introdução

A certeza sensível, primeira figura da consciência natural que aparece na *Fenomenologia do Espírito* buscando provar, através de sua própria experiência, seu critério de verdade, qual seja, a imediatez do conhecimento, pode ser visualizada para além dela mesma, na medida em que o reconhecimento da mediação, do ser outro, do próprio processo dialético de constituição do saber, que se torna manifesto nesse momento, pode ser tido como paradigma para se pensar todas as demais figuras da consciência em seu desenvolvimento posterior. Na verdade, o capítulo da certeza sensível pode ser visto como uma crítica a toda imediatez, o que nos faz retornar à certeza sensível quando chegamos ao final do caminho percorrido pela consciência, pois o próprio saber absoluto, ao postular uma igualdade entre sujeito e objeto, reconhece uma mediação nessa identidade.

Por outro lado, toda a questão religiosa que Hegel desenvolve já no Prefácio da citada obra pode ser resgatada para se demonstrar a importância que o trabalho do negativo, a dor, o desespero, o “calvário da mediação”(HYPPOLITE, 1999, p. 97) assume em sua obra. De fato, para Hegel, a substância teve que se tornar sujeito, Deus teve que se fazer homem para retornar a si mesmo, em outros termos, o absoluto, o incondicionado, não é alcançado de modo imediato por alguma intuição intelectual ou artefato místico, é necessária a mediação do conceito, por isso não se pode mais distinguir, tal como fazia Kant, o conhecer e o pensar, o entendimento e a

1. Doutoranda em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, bolsista da FAPEMIG. Texto submetido em outubro de 2008 e aprovado em Maio de 2009.

Sobre a (in)certeza sensível em Hegel

razão, pois o infinito está no finito, não sendo a Verdade algo a ser alcançado no final do percurso, mas sim o próprio movimento do saber.

O Verdadeiro é o sujeito ou conceito, o que equivale a dizer que ele próprio é esse movimento de tornar-se o que ele é, ou ainda de pôr-se a si mesmo. O Verdadeiro não é, portanto, o imediato, mas a 'imediatez-queveio-a-ser' (HYPPOLITE, 1999, 96).

Se é uma necessidade da razão pensarmos o absoluto, Hegel nos mostra que é o próprio absoluto que movimenta o pensar, que nos faz ir além do dado, não aceitar os limites, nas palavras de José Henrique Santos, trata-se da "pulsão de liberdade que o espírito é chamado a efetivar" (SANTOS, 2007, p. 28). O absoluto então não significa saber tudo, a completude do conhecer, mas sim o seu devir permanente, a onnipresença do Tribunal da razão, em outros termos, diríamos, em consonância com toda uma tradição que entende ser o saber filosófico inesgotável², que a busca da verdade já é a própria Verdade, que não há um sentido último a ser alcançado, nas palavras de Slavoj Žižek, o saber absoluto é um buraco, "o vazio traumático em torno do qual se articula o processo significante" (ŽIZEK, 1991, p. 14).

Sobre a (in)certeza sensível

A certeza sensível é a primeira figura da consciência natural na qual o sujeito ainda não se tornou o objeto da consciência (Consciência de si), o objeto de conhecimento então é algo exterior, independente, mesmo que nesse processo haja uma sucessão de experiências em que a consciência vai gradativamente relacionando a Verdade do objeto (Em si) com seu próprio Saber (Para si), até o momento em que a coisa em si kantiana é 'exorcizada', passando então a consciência a se reconhecer em seu objeto de conhecimento. No início do processo de conhecimento, devemos afirmar então que a consciência se constituiu como tal a partir da separação entre sujeito/certeza e objeto/verdade, haja vista que "a alma que sente não se distingue ainda de seu objeto" (HYPPOLITE, 1999, p. 99). O fato é que a consciência separa o seu saber da verdade, postulando ainda uma igualdade, uma relação imediata entre sujeito e objeto. Entretanto, a própria distinção entre sujeito e objeto, um sendo essencial e outro não, como veremos em pormenores ao analisar a seguir a experiência da certeza sensível, pode ser vista como um desdobramento, como mediação, sendo esta, para Hegel, a "diferença capital" (HEGEL, 2008, p. 86).

A certeza sensível acredita que seu saber é rico porque o "aqui" e o "agora" podem abarcar qualquer dimensão do espaço ou momento do tempo, mas "para nós", que estamos rememorando os passos da consciência

2. Leo Strauss sintetiza bem essa compreensão da atividade filosófica, cuja origem remonta à Grécia antiga: "Philosophy is essentially not possession of the truth, but quest for the truth. The distinctive trait of the philosopher is that 'he knows that he knows nothing', and that his insight into our ignorance concerning the most important things induces him to strive with all his power for knowledge" (STRAUSS, 1988, 11).

natural, trata-se de um saber pobre já que impreciso, incapaz de determinação. Ao tentar apreender o mais concreto, a certeza sensível cai num universal, sendo levada a reconhecer uma multiplicidade no que entendia unicamente singular. Vejamos quais são as experiências que a certeza sensível realiza para tentar provar seu critério de saber.

Num primeiro momento, o objeto é o essencial, onde se situaria a imediaticidade do saber, assim a certeza sensível realiza a experiência na perspectiva temporal, a afirmação do agora como noite é refutada quando se anota essa primeira verdade e se percebe que ela não permanece, que em outro momento o agora é dia; de modo semelhante, na perspectiva espacial também ocorre um deslocamento, pois o "isto é uma árvore" não se sustenta quando nos viramos e visualizamos o "isto é uma casa". Dessa forma, ao buscar alcançar o agora, a consciência natural depara-se com todos os agoras, ao tentar capturar o aqui, ela se defronta, de modo semelhante, com todos os aqúis. Em outros termos, diríamos que a consciência natural não consegue apreender o objeto em sua singularidade ao visá-lo como o imediato, como aquilo que é, que permanece sempre o mesmo (referência a Parmênides e Zenão que negam o movimento, afirmando o ser como repouso), pois o que se consegue nessa busca é um universal, a ausência de determinação.

Diante da frustração em captar o singular tendo o objeto como padrão de imediaticidade, a consciência natural realiza uma inversão, o objeto passa a ser o inessencial e o sujeito/saber o essencial, trata-se de um momento reflexivo em que a certeza sensível é recambiada ao Eu, mas não ocorre aqui uma suprassunção, a imediatez ainda continua a ser o padrão de medida. A certeza sensível ainda persevera em seu discurso, situando a verdade não mais no objeto, mas no "meu" visar, no "meu" saber sobre o objeto, ou seja, não se fala mais no "agora é noite" ou no "isto é uma árvore" como algo que é em si, mas sim como um ser-para-mim. A certeza sensível acredita, nessa segunda experiência, que o sujeito, na imediatez do seu ver e ouvir, é o que permanece, é o que se mantém único, singular, no desvanecer do agora e aqui. Hegel então refere-se implicitamente à tese do homem-medida de Protágoras³ e à concepção de ciência como sensação dos sofistas. "A verdade é aquilo que experimento imediatamente enquanto a experimento" (HYPPOLITE, 1999, p. 109). Trata-se de uma concepção relativista que nos leva a aceitar toda opinião como verdadeira, não obstante uma se contrapor à outra, mas, como podemos apreender de Platão, não se trata de uma verdadeira contradição, o que só seria possível pela afirmação da possibilidade do falso⁴. Dessa forma, ao se tentar assegurar a singularidade e credibilidade de cada saber, de cada Eu, o que a certeza sensível consegue é o Eu como um universal.

3. Protágoras afirmava que "el hombre es la medida de todas las cosas; de las que son como medida de su ser y de las que no son como medida de su no-ser" (PLATON, 1973, 52).

4. "Dizer que a opinião é sempre verdadeira significa dizer que o que importa é que aquilo que aparece é experimentado de tal ou tal modo, suspendendo a possibilidade de dizer a verdade compreendida como 'dizer o ser'" (MARQUES, 2006, 120).

O 'visado' pela certeza sensível, o eu singular, único, é negado então seja pela existência de outro Eu ou seja pela consideração de mim mesmo em outra ocasião. O fato é que a pluralidade dos eus nos faz já antever a noção de Espírito hegeliana: "Este eu que é um nós, este nós que é um eu" (HEGEL *apud* HYPOLITE, 1999, p. 110). O gênero do outro, como podemos apreender da leitura do *Sofista* de Platão, é universalmente participado, isto é, o um está mediatizado por todos os outros, cada indivíduo é idêntico consigo mesmo e outro em relação aos outros. Dessa forma, não obstante Hegel se opor a qualquer tipo de dualismo, vemos que ele retoma o pensamento platônico no que se refere à afirmação de que tanto o ser quanto o não-ser, a identidade e a diferença, o repouso ou o movimento fazem parte do Ser. "O múltiplo eleático é a negação absoluta do Ser-Uno. O múltiplo platônico é a posição de um 'ser-outro', que torna possível a unidade distinta de cada Idéia" (VAZ, 2001, p. 50). Ressalte-se, todavia, que essa experiência da unidade, o terceiro momento dialético, faz com que abandonemos a certeza sensível, já que esta não reconhece a mediação do imediato, e passemos para a figura da percepção.

Podemos ver, ainda no Capítulo sobre a certeza sensível, uma referência implícita a Aristóteles, quando o mesmo diz que a substância última, o indivíduo sensível, concreto e singular sobre o qual recaem as predicções só pode ser indicado pelo pronome demonstrativo - este homem, mas a pretensão de mostrar o concreto, por ser realizado por meio do logos universal, leva-nos à indeterminação, à indiferenciação⁵.

Dessa forma, como através do "isto" ou do "visar" a certeza sensível não conseguiu apreender a singularidade, sendo a universalidade a verdade de ambos, ela parte então para uma terceira experiência onde ainda defende seu discurso, qual seja, da imediatez da verdade, sendo que esta não será mais garantida pelo sujeito ou pelo objeto, mas sim pela relação que se constitui entre eles. Não há que se falar mais nem mesmo em essencialidade ou inessentialidade, negando assim a certeza sensível qualquer diferença, qualquer movimento. Como podemos ver no texto da *Fenomenologia do Espírito*, o eu "não se vira", "não toma conhecimento de um outro Eu", "não compara", "se atém firme a uma relação imediata: o agora é dia" (HEGEL, 2008, p. 90).

Hegel passa então a nos mostrar como a certeza sensível constitui essa relação imediata entre sujeito e objeto, e será então ao nos indicar essa relação que a própria certeza sensível irá topar com o movimento do pensamento, a mediação que nega a sua própria verdade, forçando-nos a passar então para a nova figura da consciência, a percepção. Temos então a diferença entre o agora mostrado e o mostrar do agora, sendo que o primei-

5. Sobre o tema, interessantes são as seguintes palavras de Giorgio Agamben: "A cisão aristotélica da ousia (que, como essência primeira, coincide com o pronome e com o plano de ostensão e, como essência segunda, com o nome comum e com a significação) constitui o núcleo originário de uma fratura, no plano da linguagem, entre mostrar e dizer, indicação e significação, que atravessa toda a história da metafísica e sem a qual o próprio problema ontológico permanece informulável" (AGAMBEN, 2006, 34).

ro deixa de ser quando é indicado. Podemos visualizar assim o movimento dialético dessa indicação do agora: 1) O agora é – primeira verdade; 2) O agora não é, foi, não-ser do agora – negação da primeira verdade; 3) O agora é e não é – negação da negação, isto é, unidade da identidade e da diferença.

Nesse terceiro momento dialético constatamos a superação da própria certeza sensível, pois a afirmação do agora não é mais imediata, o agora é algo “que permanece no ser-Outro o que ele é” (HEGEL, 2008, p. 91). Podemos recordar, mais uma vez, do Sofista de Platão, onde se reconhece que o falso, o não-ser, a imagem, também é, mesmo não sendo verdadeiramente, o que nos leva a afirmar que o passar pelo seu ser-outro é fundamental para a constituição do aqui e do agora. Nesse sentido é que podemos entender o ceticismo amadurecido de Hegel, pois a negação não significa um “puro nada”, mas um “nada determinado” (HEGEL, 2008, p. 76), o que quer dizer que toda determinação é negação e toda negação é determinação.

Hegel também realiza a experiência da imediatividade na relação entre sujeito e objeto na dimensão espacial, mas o *aqui* “visado”, imediato, não se mantém, sendo também ele um “múltiplo ser-Outro”, pois quando se indica este aqui, temos simultaneamente muitos outros aqui. Os termos utilizados por Hegel: “complexo simples”, “pluralidade simples de agora”, “multiplicidade simples de aqui”, mostra a articulação de elementos opostos: singular e universal, imediato e mediatizado, simples e múltiplo, ser e não ser, positivo e negativo, coisa que a certeza sensível não admite, sendo então o resultado de sua experiência sua própria superação.

Ocorre que somos capazes, na medida em que rememoramos a experiência da certeza sensível, de constatar algo que a consciência ingênuas não conseguia perceber, ou seja, resta clara “para nós” a existência de uma incompatibilidade entre sua opinião, seu critério de verdade, qual seja, a imediatez, e o resultado de sua própria experiência. A certeza sensível “quer dizer” o imediato, mas o “dito”⁶ a destrói, ou seja, ao buscar o singular, a certeza sensível alcança um universal, tornando o saber que se pretendia o mais concreto, um saber abstrato, indeterminado.

A referência aos mistérios de Eleusis, de Ceres e de Baco, revelam-nos não só que o Espírito se presentifica pela aniquilação, negação, perda da naturalidade, mas também que a impotência do espírito para alcançar o singular não se deve à ele próprio, mas à própria natureza.

A verdade das coisas sensíveis é a contingência do desaparecimento que toda a natureza celebra, ao contrário do espírito, que paira sobre os abismos, acima de todo limite, porque ultrapassa tudo o que os sentidos oferecem. A força do tempo não tem poder sobre o espírito (SANTOS, 2007, p. 55).

6. “Hegel sabe, pois, que sempre dizemos demais ou de menos: em suma, algo diferente em relação ao que queríamos dizer; é essa discordância que constitui a mola do movimento dialético, é ela que subverte toda proposição”(ZIZEK, 1991, 23).

Em outros termos, diríamos que a natureza é sempre fugidia, sempre procura ocultar-se, sendo que toda apreensão da mesma é manifestação do Espírito, é transposição do dado, por isso Hegel busca “exorcisar” o objeto como algo outro que a consciência, como o “Em si”, diríamos então que é através do sacramento que o “comer o pão” e o “beber o vinho” podem permanecer para além da imediaticidade, podem ser apreendidos após a consumação do ato.

Para finalizar, diríamos, com Platão, que o Ser não pode ser alcançado pelo logos, que discurso é imagem, “é algo de outro e semelhante àquilo de que é imagem” (MARQUES, 2006, p. 325), dessa forma, a certeza sensível se desdiz ao passar para o âmbito da linguagem, ou seja, ao falar do ser-aí dos objetos externos, visando captar a singularidade dos mesmos, nada mais afirma do que a igualdade e não a diferença com relação aos outros objetos. *Este pedaço de papel é todo e qualquer papel.* Portanto, é a própria experiência da certeza sensível que nos leva para uma nova figura, a percepção, em que a particularidade é apreendida através de articulação de opostos, da singularidade e da universalidade, do imediato e do mediato.

Considerações finais

Podemos visualizar, nessa primeira figura da consciência natural, a certeza sensível, todo o movimento dialético de suprassunção que se reproduzirá em cada nova figura de manifestação do Espírito. Dessa forma, seja na dialética do objeto, onde há o desvanescimento do objeto exterior à consciência, seja na dialética do sujeito, onde a consciência passa a se reconhecer no objeto que ela própria produz, tornando-se o conhecer um reconhecer-se, o que temos é um processo de reflexão, de negação, em que o “ser em si” não deixa de ser idêntico a si mesmo ao passar pelo “ser-outro”, na verdade, constatamos que a identidade só se alcança pela afirmação da diferença, que a independência da consciência de si requer certa dependência, requer o reconhecimento de outra consciência como um igual, nas palavras de Hegel, a “consciência-de-si só alcança sua satisfação em outra consciência- de-si”(HEGEL, 2008, p. 141).

Dessa forma, tal como Platão tenta conhecer o filósofo através da “caça” a seu ser-outro, o sofista, Hegel mostra-se toda a trajetória na qual a consciência percebe que a certeza de si mesma só será alcançada quando ela se defrontar com outra consciência de si, quando ela não mais negar esse ser-outro que é essencial para a constituição de sua própria identidade. Na verdade, o que Hegel nos mostra é que até mesmo a nadificação do outro, o torná-lo escravo, esbarra necessariamente na independência do objeto, em outros termos, diríamos, com La Boétie, que toda servidão é voluntária, pois uma consciência só consegue realizar na outra o que esta lhe permite fazer.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BIGNOTTO, Newton. *A dialética do senhor e do escravo como paradigma na filosofia política*. Belo Horizonte, UFMG, 1984. (Dissertação de mestrado)

D´HONDT, Jacques. *Hegel et la pensée grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

ETIENNE LA BOÉTIE. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2008.

HYPOLITE, Jean. *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à Leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

MARQUES, Marcelo Pimenta. *Platão, pensador da diferença*. Uma leitura do Sofista. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 2006.

PLATON. *Teeteto, o de la ciencia*. Trad. Jose Antonio Miguez. Buenos Aires: Aguilar, 1973.

PLATÃO. *Sofista*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção "Os Pensadores")

SANTOS, José Henrique. *O trabalho do negativo*. São Paulo: Loyola, 2007.

STRAUSS, Leo. *What is political philosophy?* Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

VAZ, Pe. Henrique C. de Lima. "A dialética das Idéias no Sofista". In: *Ontologia e História*. São Paulo: Loyola, 2001. P. 13-55.

VAZ, Pe. Henrique C. de Lima. "Senhor e Escravo. Uma parábola da filosofia ocidental". In: *Síntese*, n.º 21, p. 7-29, 1981.

VIEIRA, Leonardo Alves. *A desdita do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008a.

VIEIRA, Leonardo Alves. *Aulas sobre a Fenomenologia do Espírito*. 2008b. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~leonarva/Disc.htm#Psi>

Sobre a (in)certeza sensível em Hegel

ZIZEK, Slavoj. *O mais sublime dos histéricos*. Hegel com Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.